

EDITORIAL

O dossiê “Máscaras e poderes: estudos acerca dos espaços de recordação nas cidades da Antiguidade”, publicado neste número da revista *Phoînix*, apresenta discussões imprescindíveis acerca dos estudos helênicos e latinos. Em agosto de 2022, Ana Teresa Marques Gonçalves e Luciane Munhoz de Omena, docentes da Faculdade de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, organizaram o “Simpósio Internacional de Estudos sobre História, Memória e Arqueologia na Antiguidade”. O evento ocorreu no formato virtual entre os dias 22 e 26 de agosto de 2022. A partir dele, estabeleceram-se os laços acadêmicos e institucionais com pesquisadores sul-americanos e europeus; permitiu que os discentes e egressos, orientados pelas respectivas professoras, comunicassem seus resultados de pesquisa; ademais, tivemos conferências sobre as documentações literárias e advindas da cultura material, promovendo, com isso, a sua integração analítica.

Tendo em mente as diretrizes acima, a interdisciplinaridade entre História e Arqueologia torna-se presente nas pesquisas associadas à Antiguidade. Sabemos, pois, que o conjunto documental engloba narrativas históricas, filosóficas, literárias, escritos agrícolas, vestígios arqueológicos, papiros, moedas, textos epigráficos, edificações pública e doméstica, entre outros. Produzidos em diferentes tempo e espaço, os vestígios permitem às pesquisas históricas e arqueológicas não somente a ampliação de objetos, temas e metodologias, mas, sobretudo, a construção de estudos atrelados às problematizações sociais, políticas, econômicas e culturais vigentes em nossa contemporaneidade. Como destaca Belchior Monteiro Lima Neto (2023, p. 05):

A materialidade dos homens no tempo emerge, a partir deste momento, como elemento ativo na história. Os lugares ocupados pelos indivíduos são agora percebidos como espaços onde suas ações se desenvolvem, condicionando, não raras vezes, seus movimentos e evocando simbolicamente uma gama de representações. Dentro desta perspectiva, não é mais possível entrever os eventos preté-

ritos sem considerar o ambiente físico onde eles aconteceram. As paisagens e os lugares construídos, imaginados e apropriados pelos homens não são mais ignorados, sendo compreendidos como uma dimensão fundamental da história.

Percebe-se a urgência desta interação interdisciplinar nas pesquisas desenvolvidas no Brasil (e.g. FUNARI; ZARANKIN, 2009; GUARINELLO, 2011; SILVA, 2016) e no exterior (e.g. PENNER, 2012; PETERSEN, 2020; EMMERSON, 2020, etc). Para nós pesquisadores, especialistas da Antiguidade, a cultura material não pode ser utilizada como comprovação das evidências escritas (SILVA, 2016) ou, na pior das hipóteses, como instrumento de validação das fontes textuais (FINLEY, 1994).

Pelo contrário, uma das virtudes do trabalho com as fontes arqueológicas é a sua capacidade de iluminar aspectos insuspeitos da realidade que, não raro, contradizem as fontes textuais, numa dinâmica de confronto, ajuste e complementação de informações que, ao fim e ao cabo, habilita o historiador a compor um quadro mais denso, mais complexo e, acreditamos, mais fiel aos processos que investiga (SILVA, 2016, p. 04).

Nesse necessário entrelaçamento, temos, por exemplo, o estudo acerca das construções de memórias. Elas envolvem processos de transmissões, os quais podem subsistir em situações pontuais, pois, ao parafrasearmos Joël Candau (2011, p. 49), a memória é social; entretanto, não se traduz obrigatoriamente em ações coletivas. O ritual de sepultamento no Mediterrâneo romano simboliza uma excelente amostra: o túmulo representa um memorial (HORÁCIO. *Ode*, 3.30 e CATULO. *Epigrama*, 68, 45), onde se destacam paisagens, bosques, epitáfios, estatuetas, mosaicos, afrescos, sarcófagos e urnas. Todos os elementos sublinhados indicam as experiências sociais em relação às práticas de enterramentos. Entretanto, as necrópoles exibem, ainda, particularidades e distintos grupos sociais nesse complexo jogo de reminiscências.

Em paralelo a tais abordagens, o leitor vai encantar-se pelo universo helênico das máscaras. À luz das narrativas épica, trágica e material, Ana Paula Pinto produziu discussões profícuas e instigantes acerca de suas simbolizações. Presentes também nos espaços mortuários, as máscaras uniam-se à eternização da memória, quer dizer, tornavam visível a memória e

a imagem do morto, representando, portanto, a condição humana e suas relações com os deuses e com o cosmos. Como indica a autora, as máscaras exprimiram materialidades esculpidas em madeira, pedra, barro e linho e desenvolveram, em especial, a criatividade grega em transfigurar e transformar o presente em outra realidade.

Seguindo, ainda, o contexto grego e sua relação com a memória, Luana Neres de Sousa guiou-se pelo debate sobre a memória como recurso pedagógico na obra *Banquete*, de Platão. De acordo com sua abordagem, Platão usaria a memória com o objetivo de mediar os saberes entre os indivíduos. Logo, construir-se-iam o conhecimento e o controle comportamental por intermédio de leis e de regras sociais. Neste caso, as reminiscências do passado resgatariam os ideais de conduta fundamentados no companheirismo e no interesse da comunidade, sobressaindo-se, portanto, aos interesses individuais.

Na sequência, o leitor deparar-se-á com discussões que envolvem os laços entre os rituais mortuários e a iconografia de Dioniso nas comunidades de *Portus* e *Ostia*. A divindade das máscaras aparece representada em afrescos de sepulturas, frisos de sarcófagos, relevos e conjuntos escultóricos. Assim sendo, Luciane Munhoz de Omena propõe uma análise acerca da relação entre as áreas portuárias – *Portus* e *Ostia* – e a presença da divindade dionísica representada por seu séquito de mulheres – mênades, fêmeas felinas e ninfas – leões, tigres, centauros, Sileno, Sátiro, Pan, girafas, elefantes, e cenas eróticas. É interessante destacar que a divindade estrangeira agrupava em seu cortejo mulheres e homens – libertos, escravos e estrangeiros –, tornando-os incontestes nas regiões portuárias e no submundo dos mortos.

Nesse repertório dionísico, destaca-se o séquito feminino que simbolizava suas companheiras em situações cotidianas, como, por exemplo, em momentos de entretenimento ou mesmo de veneração; além disso, as fêmeas felinas transportavam a divindade. Não por acaso, destacamos o papel feminino nessas sociedades mediterrânicas. Habitualmente, mulheres atuavam nos espaços públicos – fossem em cortejos religiosos e fúnebres, fossem em construções públicas e particulares – tal como a sacerdotisa Eumachia, de Pompeia. A mesma ordenou a edificação de um *porticus* no fórum em honra à *pietas* e à *concordia* de Augusto. Aliás, o protagonismo feminino torna-se indispensável nas proposições de Pedro Paulo Abreu Funari. A discussão abarca a atuação feminina nas sociedades clássicas,

em especial, a análise, nos dias de hoje, sobre o protagonismo delas. Duas personagens tornaram-se centrais em sua análise: Artemísia de Halicarnasso e Judite (*Livro de Judite*). A primeira mulher é uma pessoa e a segunda é uma criação literária. Para o autor, tais protagonistas foram retomadas e apropriadas por movimentos feministas, transformando-as, de fato, em fontes de inspiração ou atemorização. Compreender seus protagonismos representa, sobretudo, discutir a contraposição, manipulada e tóxica, de Ocidente masculino e forte versus Oriente feminino e fraco.

Em seguida, Thiago Eustáquio Araújo Mota coloca em destaque as *descriptions* poéticas dos santuários de Apolo – Cumas e Palatino – situadas nos livros VI e VIII da *Eneida* de Publio Virgílio Maro. A partir delas, insere-se no universo temporal entre o passado heróico e o tempo do poeta. Ainda, segundo o autor, entende-se como a éfrase poética dos monumentos, ligada à narrativa heróica, produz uma memória triunfal do Ácio e a perspectiva de destino manifesto. Entrelaçado ao mesmo contexto histórico, incluindo, desse modo, o protagonismo de Augusto, Macsuelber de Cássio Barros da Cunha analisa os aspectos simbólicos do Monte Palatino e suas relações com a *domus* imperial. Para o pesquisador, a escolha de sua residência no Palatino e a construção do complexo de Apolo transformaram a *domus* em um conjunto simbólico, político e memorável da propaganda de Augusto, à medida que o monte abriga a lendária gruta em que a loba amamentou os gêmeos; ao mesmo tempo, simboliza a fundação de Roma por Rômulo e, além disso, hospeda os templos de *Magna Mater* e de Vitória.

Ao sair de Roma, Gilvan Ventura da Silva desloca-se à província da Síria. Em sua proposta, reflete sobre o lugar ocupado pelas ruas a partir da agenda de historiadores e arqueólogos. Os mesmos preocupam-se em compreender a dinâmica das cidades antigas e contemporâneas. Nesta esteira, Silva elegeu Antioquia, sobretudo, por abrigar um complexo arquitetônico ladeado com colunatas e pórticos, o qual desempenhava papel central na paisagem urbana.

Na sequência, Graciela Gómez Aso se propôs a compreender Agostinho de Hipona e seu estilo discursivo como modelo de construção intelectual e cultural à época Tardo Antiga. Para tanto, o artigo tece discussões sobre os conceitos como *humilis* e república virtuosa como discursos essenciais vinculados ao eclesial cristão que se contrapõe ao conceito de decadência. Estando próximo à temporalidade abordada por Gómez, Wendryll José Ben-

to Tavares encerra o dossiê com análises sobre o processo de transmissão do *Manual Militar sobre os assuntos militares*. Para isto, os leitores serão guiados para uma apresentação do documento que se alicerça em análises historiográficas e, a partir desse percurso, na compreensão do documento que se vincula à sua própria trajetória.

À Faperj um agradecimento especial pelo financiamento do presente número da revista.

Sem maiores delongas, convidamos, então, os leitores a contemplarem e, por que não, se inspirarem em porvindouras compreensões sobre as máscaras, os poderes e os processos de recordações nas cidades da Antiguidade.

*Luciane Munhoz de Omena (UFG) e
Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)*

Referências bibliográficas

- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- EMMERSON, Allison L. C. Death in the Suburb. In: EMMERSON, Allison L. C. *Life and Death in the Roman Suburb*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 56-91.
- FINLEY, Moses I. *A História Antiga: testemunhos e modelos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés; STOVEL, Emily. *Theory. Contextual voices and Contemporary thoughts*. New York: Kluwer Academic; Plenum Publishers, 2005.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Arqueologia e cultura material: um pequeno ensaio. In: BRUNO, Maria Cristina *et al.* *Arqueologia do Mediterrâneo Antigo*. Estudos em homenagem a Haiganuch Sarian. Campo Grande: Life, 2011, p. 161-168.
- NETO, Belchior. Apresentação do Dossiê História e Arqueologia: diálogos interdisciplinares. *Dimensões – Revista de História da Ufes*. Vitória, n. 49, p. 05-08, 2023.
- PENNER, Lindsay. Gender, household structure and slavery: re-interpreting the aristocratic columbaria of Early Imperial Rome. In: LAURENCE, Ray; STRÖMBERG, Agneta (ed.). *Families in the Greco-Roman World*. London and New York: Continuum International Publishing Group, 2012, p. 143-158.

PETERSEN, Jane. Protecting me every step of the way: Dionysian symbolism in the burial culture of Roman Ostia. In: BARGFELDT, Niels; PETERSEN, Jane Hjarl (ed.). *Reflections: Harbour city deathscapes in Roman Italy and beyond*. Rome: Analecta Romana Instituti Danici, 2020, p. 145-168.

SILVA, Gilvan. Ritos funerários e relações de sociabilidade em Antioquia: a propósito do Mosaico do Banquete de Mnemosyne. *História*, v. 35, n. 88, p. 01-19, 2016.